

A Fortaleza de Ratores e a Saúde em Desterro no Século XIX*The fortress of Ratores and health in Desterro in the 19th Century*Daniela Marangoni Costa¹

Resumo: Parte de um sistema defensivo para proteger o local estratégico de acesso ao Rio da Prata, as Fortalezas da Ilha de Santa Catarina também tiveram outro papel importante para Desterro. Pretende-se refletir sobre a saúde e a organização da sociedade em relação à este assunto, principalmente durante o século XIX, quando foi encontrado o maior número de documentos que mencionam as quarentenas, enfermarias e lazaretos na Fortaleza de Santo Antônio de Ratores. Esta análise realizou-se por meio de matérias de jornais e relatos de viagens, em conjunto com o estudo de historiadores, médicos e arquitetos. Desta maneira, destaca-se os motivos para identificar a importância da Fortaleza de Ratores como um meio de promoção de saúde na cidade de Desterro.

Palavras Chave: Fortaleza de Ratores; Santa Catarina; Saúde; Desterro; Século XIX.

Abstract: Part of a defensive system to protect the strategic location for access to the River Plate, the Fortifications of the Santa Catarina Island played another important role, to the city of Desterro. It is intended to reflect about health and the social organization in relation to this matter, mostly during the 19th century, when most of the documents that mentions the quarantines, wards and lazaretos in the Santo Antônio de Ratores Fortress were found. This analysis has been made based on newspaper articles and travel reports, alongside the study of historians, doctors and architects. In this way, it is highlight the reason to stand out the importance of the Ratores Fortress as a mean of health promotion in the city of Desterro.

Keywords: Ratores Fortress; Santa Catarina; Health; Desterro; 19th Century.

Apresentação

Apesar de haver evidências de navegantes que viveram na Ilha de Santa Catarina antes da colonização oficial, "a fundação efetiva da póvoa de Nossa Senhora do Desterro ocorreu por iniciativa do bandeirante paulista Francisco Dias Velho, que partiu de São Paulo a 18 de abril de 1628"². Após o início da colonização, a região teve um desenvolvimento e uma ampliação vagarosa, uma vez que "foi se processando uma ocupação litorânea lenta e espontânea, por meio da concessão de sesmarias, [e os colonos] que se fixaram com seus estabelecimentos agrícolas e pastoris"³.

A Ilha era um ponto importante e estratégico, pois localiza-se entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, duas grandes cidades litorâneas das colônias de Portugal e da Espanha, porém,

1 Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, novembro de 2018. Email: danielamarangonic@gmail.com

2 VEIGA, Elaine Veras da. **Florianópolis Memória Urbana**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008, 2ª ed., p. 19

3 VEIGA, op. cit., p. 19.



era pouco valorizada política e economicamente⁴ por Portugal. No entanto, em 1680, Portugal funda a Colônia do Sacramento (atualmente pertence ao Uruguai) que serviria como "ponto de apoio para um intenso comércio de contrabando em área espanhola - rica em metais preciosos, gado e couro - era considerada vital para ligar o interior do continente ao seu litoral"⁵. Neste momento, a Ilha de Santa Catarina passa a ter a atenção, uma vez que para a Espanha, a fundação da Colônia de Sacramento por parte de Portugal seria uma quebra ao Tratado de Tordesilhas, que limitava o território lusitano até a cidade de Laguna. Apesar da invasão ao tratado, Portugal defendia-se do feito alegando que:

Nesse período, a posse de fato de um território se dava pela sua ocupação efetiva, o que ocorria principalmente por meio da construção de fortificações, seguida do estabelecimento de núcleos de povoamento em torno dessas unidades militares. Segundo a interpretação que a diplomacia portuguesa dava ao *uti possidetis*: quem tinha a posse de fato tinha o domínio, regia o antigo princípio jurídico que seria amplamente empregado no posterior Tratado de Madrid, em 1750⁶.

Partindo desta argumentação para a fundação da Colônia de Sacramento além dos limites estabelecidos em princípio, o território catarinense ganha um novo zelo, "a Ilha passou a representar um ponto estratégico militar de importância para a Coroa Portuguesa"⁷. Porém, para garantir a posse do território era preciso fortificá-lo. Assim, prestariam segurança aos colonos que seriam enviados posteriormente da Ilha dos Açores em Portugal e apoiariam as navegações e operações militares entre o Rio de Janeiro e a Colônia de Sacramento. Sendo assim, "o Brigadeiro José da Silva Paes foi designado à frente da Capitania (05/08/1738) e organizou seu sistema de defesa"⁸ que teve a construção iniciada no ano seguinte, cujo sistema era "composto de quatro fortalezas e que viria a ser ampliado com outras fortificações menores até o final do século XVIII"⁹.

O sistema defensivo era formado por quatro principais fortalezas no início da Capitania. Na Barra do Sul a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição - posteriormente nomeada com o nome de origem indígena da ilha, Araçatuba - e o triângulo formado por São José da Ponta Grossa no pontal ao norte da Ilha, Santa Cruz na ilha de Anhatomirim (que fica em Governador Celso Ramos) e Santo Antônio na ilha de Ratonos Grande, hoje chamada de Fortaleza de Santo

4 VEIGA op. cit., p. 24.

5 TONERA, Roberto, Curiosidades. p. 49. In: TEIXEIRA, Paulo Roberto Rodrigues. Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos. **Revista Da Cultura**, ano VIII, nº 14, junho de 2008, p. 23.

6 TONERA, Roberto, op. cit., p. 23.

7 VEIGA, op. cit., p. 24.

8 VEIGA, op. cit., p. 25.

9 TONERA, op. cit., p. 25.



Antônio de Ratonos. O nome da ilha desta última fortificação, "deve-se ao explorador espanhol D. Álvaro Nuñez, dito Cabeza de Vaca, que, em 1541, batizou-a Ratonos por considerá-la semelhante à um enorme rato - ou *ratón*, em espanhol"¹⁰.

A Fortaleza de Ratonos teve - e pode-se dizer que foi a mais importante - a função de enfermaria e lazareto militares, pois "desarmada e desativada no decorrer do século XIX, funcionou nessa época e, provavelmente, até princípios do século XX como lazareto para doentes de cólera e outras doenças contagiosas"¹¹, além de sua função principal de proteção territorial.

Este artigo contribui, portanto, para a memória e a historiografia de Santa Catarina. Analisa documentos oficiais, dialoga com outros autores e pesquisadores, tanto por meio da história tradicional, quanto pela abordagem temática¹², e utiliza jornais da época para possibilitar a percepção do cotidiano da cidade. Além disso, colabora ao refletir a relação da saúde local com o seu espaço territorial e contexto histórico, utilização de patrimônio público e, ainda, questões de classes sociais.

A Saúde na Ilha de Santa Catarina no Século XIX

No início do século XIX, a Ilha de Santa Catarina contava com um quadro de saúde pouco ideal. As medidas higiênicas praticadas pelos moradores e as cobranças e normas advindas de autoridades eram insuficientes. A colonização ainda promoveu certo desmatamento da Ilha, tanto nas partes mais próximas ao litoral, quanto no interior. Somente no século XIX é que surgiram as preocupações com a natureza, a geografia a higiene e a relação destes com a saúde. A nova associação dessas ideias com:

Salubridade e espaço geográfico estão ligadas a uma corrente higienista - um segmento da medicina europeia - que prestou especial atenção ao meio natural e sua possível relação com problemas patológicos. A Teoria de Hipócrates, inaugurada com o livro *Dos ares, das águas e dos lugares*, sobre a relação das questões ambientais com a saúde pública foi revistada e serviu como uma base

10 TEIXEIRA, Paulo Roberto Rodrigues. Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos. **Revista Da Cultura**, ano VIII, nº 14, junho de 2008, p. 54.

11 TONERA, op. cit., p. 40

12 Esta classificação de formas de estudo da história foi refletida e ensaiada na obra de WOLFF (2009) com base no estudo de um esquema "elaborado por Peter Burke para diferenciar a chamada nova história da história tradicional" (WOLFF, 2009, p. 53). A categorização foi feita pela autora com o intuito de criar uma divisão das obras sobre a História de Santa Catarina, a fim de facilitar a pesquisa acadêmica e historiográfica da memória do estado.



que justificou e orientou os primeiros trabalhos que influenciaram diversos projetos urbanísticos¹³.

As doenças que aterrorizavam as populações naquele momento (varíola, febre amarela e cólera, por exemplo) eram devastadoras por serem contagiosas e deixarem grande número de mortos a cada surto¹⁴. A medicina local era regida pelas práticas de sangramentos, ventosas, sanguessugas ou pela procura às boticas - farmácias. "Em 1797, havia duas boticas no Desterro e uma em Laguna"¹⁵, o que chama atenção também para a procura dos moradores mais por farmacêuticos que por médicos, fosse por costume ou por oferta.

Essa forma de cuidados com a saúde se altera a partir de novos conceitos de saúde, que passavam a considerar a umidade do ar e os ventos, por exemplo, como agentes importantes, assim como outras noções geográficas. No caso de Desterro (atual Florianópolis), a análise¹⁶ do ensaio do cirurgião João Ribeiro de Almeida sobre as condições sanitárias de Desterro em 1864¹⁷ apontam a relação das epidemias com a grande umidade pela dificuldade de absorção da chuva e poucos ventos para secar os acúmulos de água, o que "embaraçava a resolução dos problemas de saúde; [...] as variações climáticas corroboravam para desencadear doenças respiratórias e viciar o ar"¹⁸.

Além das condições climáticas, havia também os problemas de higiene, tema mais criticado por Almeida no relato em 1864, uma vez que as praias eram depósitos de lixo a céu aberto com animais mortos, outras matérias orgânicas vegetais¹⁹. As águas usadas para banhos, lavagem de objetos e roupas ou mesmo para consumo eram também infectadas. Naquele momento, também os ventos passaram ser percebidos pela preocupação pública como transporte de doenças, provenientes daqueles depósitos de lixo em putrefação, uma vez que "de acordo com a ciência da época, o meio ambiente se impunha como um dos fatores decisivos para a manutenção da saúde. Daí resultam os cuidados que se devia ter com: armazenagem do lixo, despejos, a ventilação dos ambientes e edificações"²⁰.

13 CESCO, Susana. Meio Ambiente e a Saúde Pública: a urbanização da Nossa Senhora do Desterro no século XIX. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 143.

14 CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro**. Volume 1 - Notícia. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979, p. 464.

15 CABRAL, op. cit., p. 464.

16 GARCIA, Carla Laner. **Emanações Perniciosas Moralidade Corrosiva: Os desdobramentos do discurso científico no centro urbano de Nossa Senhora do Desterro (1831-1864)**. 2006, UFSC, Florianópolis.

17 **Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Setor de Obras Raras**. ALMEIDA, João Ribeiro de. Ensaio sobre a salubridade, estatística e patologia sobre a ilha de Santa Catarina e em particular da cidade do Desterro, 1864.

18 GARCIA, op. cit., p. 45.

19 ALMEIDA, 1864, p. 45 *apud* GARCIA, op. cit., p. 37.

20 GARCIA, op. cit., p. 45.



Estas questões de higiene, aliadas aos novos conhecimentos relacionando a geografia com a saúde, possibilitaram a percepção de que as condições para a manutenção da saúde na Ilha de Santa Catarina não eram boas e que mudanças precisariam ser feitas. A natureza passou a ter um significado mais importante e "a praia veio [a ser também], um local de contato com a natureza em estado mais puro"²¹. Deste modo as entidades públicas voltaram os cuidados para a limpeza dos ambientes e urbanização da cidade, usando métodos como a ressignificação de espaços, como foi o caso da Praça XV de Novembro, iluminada para aumentar a circulação de pessoas e, conseqüentemente, tornar-se um local impróprio para descarte de lixos²².

Os novos conhecimentos do campo da saúde foram os principais motivadores para a mudança do quadro higiênico da Ilha. Porém, outro fator também motivou a adoção de tais práticas, desta vez de cunho mais privado: o crescimento de uma classe média, formada por proprietários que não eram funcionários públicos e tampouco pobres, e que desejavam adotar costumes e tradições de uma classe burguesa. Para essa "burguesia local, que ascendia a posições de segurança material e prestígio e incorporava modas e hábitos do Rio de Janeiro, não era mais suficiente ser branco, católico e proprietário, era preciso ser "civilizado", ter "gosto" e ser "higienizado"²³.

Apesar das mudanças na cidade ao longo do século XIX, as doenças transmitidas ainda tinham números significativos e "os miasmas ainda são temidos, mas surgem também as preocupações com a contaminação pelo contato físico"²⁴. Neste momento, novas políticas públicas são tomadas, de acordo com noções de distanciamento e isolamento de doentes a fim de evitar o contágio. Deste modo:

Entrava em cena um novo tipo de realidade, identificando a higiene pública e privada como base material que assegurava aos indivíduos as melhores condições de convívio social, uma medicina do meio e da população, que enquadrou o saneamento, as medidas de controle, as quarentenas e as inspeções como questão de governo²⁵.

Essas novas práticas para o melhoramento da saúde da Ilha de Santa Catarina trouxeram ao cenário da cidade uma nova participante, a Fortaleza de Santo Antônio de Ratoles que foi utilizada ao longo de toda a segunda parte do século XIX - e possivelmente parte da primeira

21 CESCO, op. cit., p. 155.

22 CESCO, op. cit., p. 155-156.

23 ARAÚJO, Hermetes Reis de. Saúde pública e cidade: um espaço de poder (Desterro-Florianópolis, 1823-1930). In: AMORA, Ana. M. G. Albano (org). **História da saúde em Santa Catarina: instituições e patrimônio arquitetônico** (1808-1958). Barueri: Manole, 2012, p. 8.

24 CESCO, Op cit., p. 148.

25 ARAÚJO, op. cit., p. 8.

metade também - como enfermaria e lazareto para o tratamento de doenças contagiosas, como a cólera e a febre amarela.

A Importância da Fortaleza de Ratoles para a Saúde de Desterro

O primeiro caso documentado em que a Fortaleza de Ratoles servira como lazareto/enfermaria para infectados por doenças contagiosas é de março de 1853, publicado no jornal *O Correio Catharinense*²⁶. O periódico denunciava que o condutor do escaler que conduziu a tripulação do Brigue-barca Hamburguez *Charles Ross* até a fortaleza, fora infectado pela doença dos tripulantes, a febre amarela. Neste caso, a tripulação que desembarcou em Ratoles sobreviveu, "o que restou da tripulação desembarcou na ilha de Ratoles: nenhum morto"²⁷. A medida tivera sucesso e os sobreviventes "puderam, mais tarde, seguir viagem, sem que a cidade de Desterro e as povoações da Ilha de Santa Catarina se vissem atacadas"²⁸.

Ainda que este primeiro caso tenha tido um resultado positivo, nem todos tiveram a mesma sorte, o que dependia do tipo de epidemia que abatia os doentes, das condições climáticas e do estágio da infecção. Em 1855, por exemplo, uma epidemia de cólera oriunda do Rio de Janeiro - que registra²⁹ ter sido o primeiro caso da doença na cidade - foi propagada por meio de tripulantes do vapor *Imperatriz* que foram levados de imediato à Fortaleza de Ratoles, mas apesar disto, muitas pessoas morreram na cidade. A cada 100 infectados, 35 sucumbiram à doença. Ainda que o resultado tenha sido de um número elevado de mortes, a epidemia fora contida, não ocorrendo outros surtos epidêmicos naquele ano, o que é relatado em março de 1856 no jornal *O Argos* da Província de Santa Catharina³⁰.

As embarcações provenientes de locais com surtos de doenças ou com suspeitas de casos a bordo chegavam à Fortaleza Anhatomirim onde era o local de observação e quarentena de navios. Os que manifestavam a doença eram enviados para o Lazareto de Ratoles e lá ficavam isolados para evitar a propagação.

A Fortaleza possuía médicos e funcionários para os cuidados com os doentes, como se pode perceber no relato³¹ em que cita a morte de uma mulher - possivelmente escrava - que era

26 A quem servir a carapuça que a ponha na cabeça. **O Correio Catarinense**, Nº 20, ANO I, Desterro, 30 de março de 1853, p. 3.

27 REY, H. Contribuições à geografia médica a Ilha de Santa Catarina. 1877, Paris. Traduzido por: Romilda Brisighelli Salles, 2004, **Ágora**, nº 39, p. 31.

28 CABRAL, op. cit., p. 469.

29 REY, H. Op cit., p. 31.

30 Saude e Soccoros Publicos. **O Argos da Província de Santa Catharina**. Desterro, nº 25, ano I, 28 de março de 1856, p. 3.

31 REY, op. cit., p. 31.



encarregada de fazer a sopa para os doentes. Este fato também é documentado no relato feito ao Jornal *A Regeneração* em março de 1886 pelo médico responsável pelos lazaretos de Anhatomirim e Ratonos, Dr. Francisco de Paula Oliveira Guimarães³². Este relato explicava ainda como era feito o processo de controle sanitário dos navios que vinham de regiões com registros de surtos de doenças e como eram tratadas cargas e bagagens, além dos passageiros desses navios. Estas medidas e as quarentenas impostas aos navios se configuravam não somente numa forma de tratamento dos doentes, como também de controle da transmissão das doenças para a cidade, ou seja, também havia a preocupação com a prevenção.

Em 1990 foram encontradas duas ossadas humanas durante a restauração da Fortaleza de Ratonos. Uma investigação arqueológica e histórica identificou os sepultamentos como parte de um grupo de 11 pessoas que lá faleceram em meados do século XIX, quando a fortificação funcionava já como lazareto. "Em razão da possibilidade de contágio, os onze sepultamentos ocorreram na própria fortaleza, em covas rasas, às pressas, e com todos os pertences pessoais dos mortos"³³.

Além de suprimentos médicos e mantimentos, o lazareto de Ratonos e a enfermaria de Anhatomirim recebiam também reformas, como é possível verificar no Jornal *República*,³⁴ de abril de 1891: "acha-se o lazareto em perfeito estado de asseio: retelhado, pintado, assoalhado, envidraçado e com duas enfermarias: uma para senhoras e outra para homens"³⁵. Ainda, com esta notícia, podemos perceber os cuidados de separar as enfermarias em alas masculinas e femininas.

Para a população local ir à fortaleza para tratamento não era algo positivo, apesar do êxito dos isolamentos no lazareto e dos serviços oferecidos aos doentes. A classe média recém ascendida na cidade via como um horror o isolamento, justamente por associar as doenças contagiosas com questões de higiene e classe social, visto que:

Naquele tempo seria muito difícil obrigar um cidadão qualificado da sociedade local a ficar isolado num lazareto, lugar considerado desclassificatório para o status do mesmo. Doença de rico não costumava "pegar" - só de pobre... Metê-lo num isolamento era o fim, seria um ultraje sem reparo, e a grita seria geral. E os comentários então? - "Seu Fulano está no lazareto" - "O major Cicrano pegou a baixa também (era assim chamada) e foi mandado para a ilha de Ratonos"³⁶.

32 A propósito do Rio Jaguarão. *A Regeneração*. Desterro, nº 57, ano XVIII, 16 de março de 1886, p. 2-3.

33 TONERA, op. cit., p. 57.

34 Ratonos e S. Cruz. *República*, Desterro, nº 411, ano II, 23 de abril de 1891, p. 1.

35 *Jornal República*, op. cit., p. 1.

36 CABRAL, op. cit., p. 469.



Ainda que existissem surtos de doenças com graves resultados, como correu em 1855, e a má fama junto à classe média local, as medidas de internação dos doentes na Fortaleza de Ratonos eram bem sucedidas e muito bem vistas pela população e pelas autoridades de saúde pública. Neste sentido, o Jornal *O Argos* da Província de Santa Catharina de março de 1856³⁷, publicou uma matéria questionando as autoridades locais e criticando a suspensão das quarentenas das embarcações provenientes de locais com registros de surtos e o isolamento de doentes no lazareto de Ratonos, alegando que no ano anterior as medidas haviam sido eficazes no combate às doenças:

É geralmente sabido que foi mais por condescendencia do que por espontanea vontade da parte da Presidencia que se estabeleceu a linha de quarentena entre a ilha - Ratonos - e a fortaleza de Santa Cruz, e que por isso mesmo pouco tempo foi conservada essa quarentena para embarcações procedentes de lugares, onde a cholera morbus existia.³⁸

Com o tempo, os benefícios do método de controle e isolamento foram percebidos pelas políticas públicas, o que fez com que "em 1878, as autoridades sanitárias mais avisadas, evitaram a propagação de um novo surto em Desterro, surto que fez estragos extraordinários, principalmente em São Francisco"³⁹. A atuação das fortalezas para o controle e prevenção da propagação das doenças teve tamanha importância e efetividade, que quando não empregadas pelas autoridades públicas, aconteceu:

Novo surto, em 1880, trazido por um marinheiro da canhoneira italiana Seyla, que ancorou em S. Cruz, notificando às autoridades ter a bordo um caso suspeito de febre amarela [...]. Mas a ignorância do Presidente era tanta que não deu ouvidos justamente à proposição que teria conseguido livrar a Capital da invasão da febre amarela: - a descida dos doentes para terra foi permitida (pois já havia, a tais horas, mais de um) - abrindo, assim, novamente, as portas da cidade à passagem da "bixa"⁴⁰.

Ainda assim a maior parte dos surtos foram evitados ou, ao menos, reduzidos pela utilização das fortalezas para quarentena e, principalmente, como lazareto isolado da cidade. Além dos surtos de febre amarela informados pelos jornais analisados ao longo deste trabalho, (1853, 1855, 1856 e 1886), ocorreram outros casos registrados por H. Rey nos anos de 1852,

37 O cholera importado do Rio de Janeiro. **O Argos da Província de Santa Catharina**. Desterro, nº 20, ano I, 7 de março de 1856, p. 2.

38 O cholera importado do Rio de Janeiro. **O Argos da Província de Santa Catharina**. Desterro, nº 20, ano I, 7 de março de 1856, p. 2.

39 CABRAL, op. cit., p. 474.

40 CABRAL, op. cit., p. 475.



1853, 1870, assim como os de cólera em 1855, 1856, 1867, 1891⁴¹. Estes casos foram contidos por meio da atuação das fortalezas, principalmente o lazareto de Ratonos.

Não há documentos que indiquem a utilização da Fortaleza de Ratonos como lazareto do início século XX e "a desativação definitiva se deu em 1907, quando a Marinha passou a usar o local como depósito de carvão para a sua esquadra. Na década de 20 a fortaleza estava 'desarmada e em ruínas'"⁴².

Quanto à sua existência, utilização e valor, contrariando a análise de Cabral de que "o forte de Ratonos não tem história. Pelo menos, nada se conta dele, nunca ficou uma referência, um documento, uma narrativa de um simples episódio. Envelheceu, como muita gente, no anonimato e, o que é pior, sem ter tido a menor serventia"⁴³, compreende-se que esta fortificação teve, sim, um grande préstimo para a cidade de Desterro por toda a sua contribuição na prevenção e tratamento de doenças contagiosas do século XIX, que arrebatou a todo o país. Este desempenho fora mencionado pelo próprio autor alguns anos mais tarde, em 1979, e, ainda que tenha passado despercebido pelo historiador, a Fortaleza de Ratonos envelheceu tendo uma importante serventia para auxiliar a saúde local.

Conclusão

As Fortalezas da Ilha de Santa Catarina foram responsáveis pela proteção do litoral catarinense, para auxiliar as operações navais entre o Rio de Janeiro e o Rio da Prata e foram construídas em posicionamentos estratégicos para este fim.

Este posicionamento também se tornou estratégico para o cuidado com a saúde, como de forma a impedir e amenizar o contágio às cidades próximas. Ganhara esta forma de utilização no século XIX, época em que a medicina teve novas descobertas e junto do surgimento de novas classes burguesas, o local passava por mudanças baseadas em novos conceitos de higiene. Este novo conceito se aliou à utilização da geografia regional, que passou a ser levada em conta para o tratamento de saúde. Medidas que auxiliavam, por exemplo, nos casos de isolamentos para doenças que tinham fácil contágio pelo ar ou toque, como a Cólera e a Febre Amarela, doenças estas que afligiram todo o país neste período.

41 REY, op. cit., p. 30-32.

42 MARTINS, Celso e GONZAGA, Armando Luiz. **Memórias das Fortalezas**: Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Bernúcia Editora, 2017, p. 185.

43 CABRAL, Oswaldo R. **As Defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura/Imprensa Nacional, 1972, p. 37.



A Fortaleza de Ratoles foi muito importante neste momento que, por conta de sua localização, oferecia as condições ideais de higiene e disponibilidade de vegetação, o que também era importante. Além disto, oferecia isolamento do restante da cidade para tratar as doenças evitando contágio. O resultado da contribuição da fortificação para a saúde local foi documentada pelos jornais e relatos de viajantes médicos. Possibilitando, desta forma, a análise feita neste artigo a fim de oferecer uma nova perspectiva para a historiografia e a memória do Estado de Santa Catarina.

Referências

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Saúde pública e cidade: um espaço de poder (Desterro-Florianópolis, 1823-1930). In: AMORA, Ana. M. G. Albano (org). **História da saúde em Santa Catarina: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)**. Barueri: Manole, 2012, p. 3-38.

A proposito do Rio Jaguarão. **Jornal A Regeneração**, 1886, Desterro. Disponível em: http://fortalezas.org/index.php?ct=bibliografia&id_bibliografia=2980; acesso em 21/10/2018.

A quem servir a carapuça que a ponha na cabeça. **Jornal O Correio Catharinense**, 1853, Desterro. Disponível em http://fortalezas.org/index.php?ct=bibliografia&id_bibliografia=3224; acesso em 21/10/2018.

CABRAL, Oswaldo R. **As Defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura/Imprensa Nacional, 1972.

CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro**. Volume 1 - Notícia. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979, p. 449-484.

CESCO, Susana. Meio Ambiente e a Saúde Pública: a urbanização da Nossa Senhora do Desterro no século XIX. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 142-163, agosto de 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2011v18n25p142/21536>; acesso em 27/08/2018.

GARCIA, Carla Laner. **Emanações Perniciosas Moralidade Corrosiva: Os desdobramentos do discurso científico no centro urbano de Nossa Senhora do Desterro (1831-1864)**. 2006, UFSC, Florianópolis. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88274/235279.pdf?sequence=1>; acesso em 29/10/2018.

REY, H. Contribuições à geografia médica a Ilha de Santa Catarina. 1877, Paris. Traduzido por: Romilda Brisighelli Salles, 2004, **Ágora**, nº 39, p. 7-34. Disponível em http://fortalezas.org/index.php?ct=bibliografia&id_bibliografia=2463; acesso em 31/10/2018.

MARTINS, Celso e GONZAGA, Armando Luiz. **Memórias das Fortalezas: Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Bernúcia Editora, 2017.



MATTOS, Débora Michels. Nas páginas dos jornais, peculiares experiências de vida. **ANPUH**, Natal, 2013. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372278793_ARQUIVO_Naspaginasdosjornais,peculiaresexperienciasdevida,Anpuh2013,TEXTOREVISADO.pdf; acesso em 27/08/2018.

O Cholera importado do Rio de Janeiro. **Jornal O Argos da Província de Santa Catharina**. 1856, Desterro. Disponível em http://fortalezas.org/index.php?ct=bibliografia&id_bibliografia=3511; acesso em 21/10/2018.

Ratonos e S. Cruz. **Jornal República**, 1891, Desterro. Disponível em http://fortalezas.org/index.php?ct=bibliografia&id_bibliografia=3239; acesso em 21/10/2018.

Saúde e Soccoros Públicos. **Jornal O Argos da Província de Santa Catharina**. 1856, Desterro. Disponível em http://fortalezas.org/index.php?ct=bibliografia&id_bibliografia=2895; acesso em 21/10/2018.

TEIXEIRA, Paulo Roberto Rodrigues. Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos. **Revista Da Cultura**, ano VIII, nº 14, junho de 2008, p. 48-59.

TONERA, Roberto, Curiosidades. p. 49. In: TEIXEIRA, Paulo Roberto Rodrigues. Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos. **Revista Da Cultura**, ano VIII, nº 14, junho de 2008, P. 48-59.

VEIGA, Elaine Veras da. **Florianópolis Memória Urbana**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008, 2ª ed.

WOLFF. Cristina Scheibe. **Historiografia catarinense**: uma introdução ao debate. Florianópolis, Revista de Santa Catarina em História. 2009, v. 1, n. 1.

Recebido em 28 de novembro de 2018.

Aceito para publicação em 15 de julho de 2020.

